

O que o ministro vai encontrar na volta ao País

Muitas greves, os juros em nova alta, o dólar estável no paralelo, as Bolsas em recuperação tímida, mas, acima de tudo, muita insatisfação na sociedade com a alta desenfreada dos preços e com o andamento da política salarial. É assim que o ministro Dílson Funaro, da Fazenda, vai encontrar a economia do País, no seu retorno do Exterior. A inflação de fevereiro, que ao viajar Funaro previu que seria de algo entre 11% e 12%, vai ficar entre 15% e 16%, segundo as últimas estimativas feitas no Palácio do Planalto.

Na ausência do ministro, o governo prosseguiu, de forma acelerada, o caminho de volta à economia da Velha República, divulgando novos aumentos de preços e de tarifas e promovendo a reindexação de maneira quase completa.

Aquela demanda superaquecida que levou milhares de pessoas às lojas, aos cinemas, teatros, bares e restaurantes, não existe mais.

O desgoverno neste período pós-carnavalesco é total. Da Seap, CIP e Sunab ninguém mais ouve falar. A população está intrigada, intranquilha e até mesmo revoltada com os aumentos de preços. Ninguém entende nada: o governo fala que autorizou aumentos de 25%, 30%, mas quando o consumidor vai adquirir a mercadoria no comércio percebe que ela está 150%, 200% e até 400% mais cara. Alguns produtos como madeiras e materiais de construção subiram 600% e até 800%.

Inconformados com o aumento de 70,6% concedido nos aluguéis (e que é insuportável para grande

parte dos inquilinos), os proprietários abarrotam o judiciário com ações de despejo.

Os aumentos salariais não vão além dos 20% do disparo do **gatilho**. Os orçamentos domésticos se complicam cada vez mais. É um corte de despesas sem fim, e os salários minguam assustadoramente.

Os juros, depois de uma baixa significativa, começam a subir de novo e as taxas do **overnight** saltam de 16% para 19%. Depois da moratória internacional, agora parece ser a vez da moratória interna, a moratória pessoal de cada dona-de-casa, de cada trabalhador e de cada pequeno empresário, hoje nas mãos dos banqueiros e com suas dívidas corrigidas em 70,6% do dia para a noite, pelo descongelamento das OTNs.

O governo assiste a tudo calado. Fala-se vagamente num plano de estabilização econômica proposto pelo ministro João Sayad, do Planejamento, e numa reforma ministerial que criaria o Superministério da Economia, como existia, de fato, na época do Delfim.

Mais preocupado com a duração do seu mandato — se de quatro, de cinco ou de seis anos —, o presidente Sarney apenas repete velhas frases do passado. Apregoa os avanços sociais do seu governo e diz que “o Plano Cruzado não está morto”.

Mas talvez ainda haja tempo para alguém correr até o aeroporto e dar boas-vindas ao ministro Funaro. Afinal, quem sabe ele conseguiu ter alguma boa idéia com esta mudança de clima?